



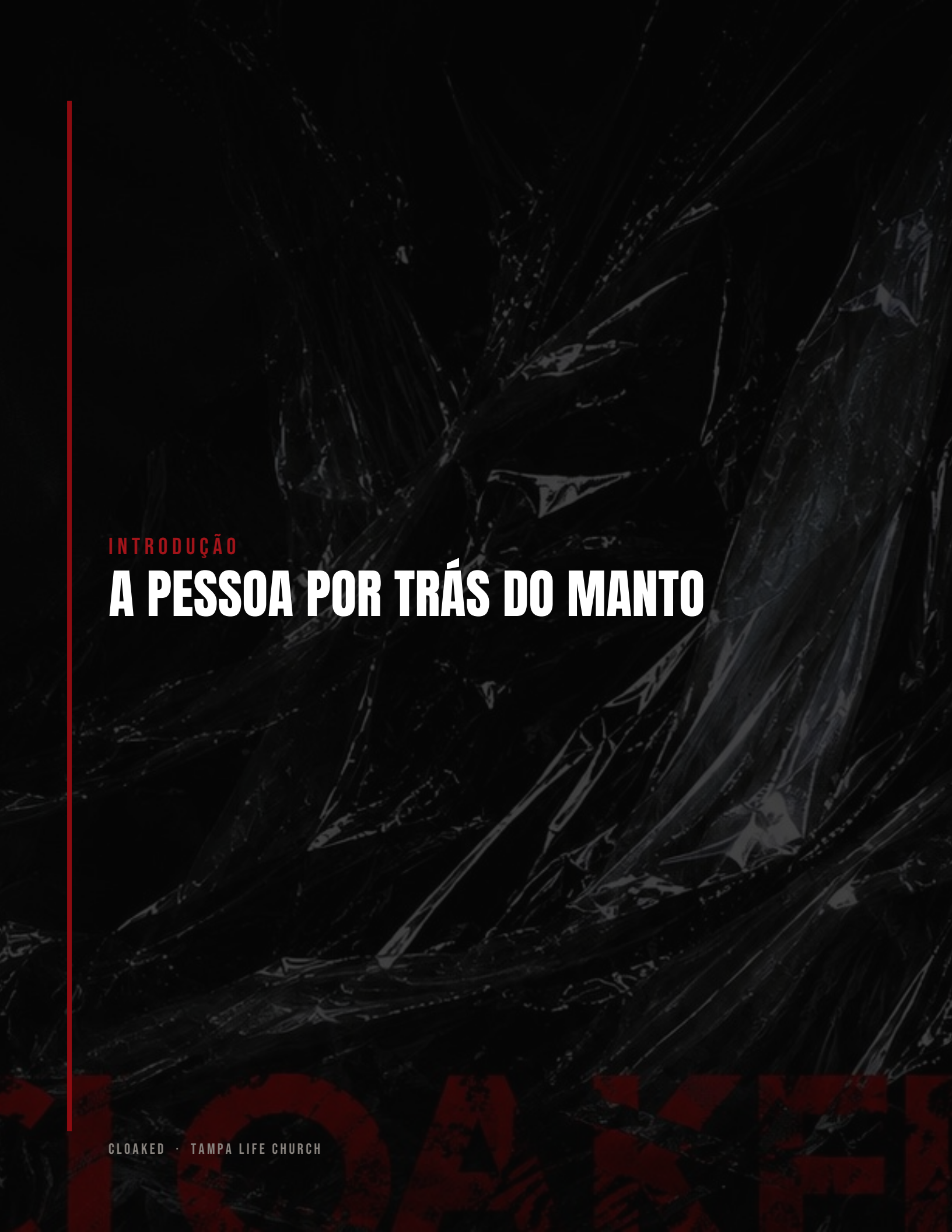
TAMPA LIFE CHURCH

CLOAKED

SERIE DE ESTUDOS BÍBLICOS

PARTE 5

Parte 5: A Pessoa Por Trás do Manto



INTRODUÇÃO

A PESSOA POR TRÁS DO MANTO

CLOAKED · TAMPA LIFE CHURCH

Uma das maiores tragédias da natureza humana é que muitas vezes nos tornamos conhecidos pelo que nos aconteceu, em vez de por quem Deus nos criou para ser. Uma pessoa luta contra o vício, e eventualmente todos passam a chamá-la de viciada. Alguém passa por um divórcio, um fracasso, uma depressão ou uma traição, e logo essa temporada se torna sua identidade. A ferida recebe mais atenção do que a pessoa.

Esse era exatamente o mundo em que Bartimeu vivia. Marcos não o apresenta simplesmente como “Bartimeu.” Ele o apresenta como “Bartimeu, o Cego.” Sua condição havia se tornado parte do seu nome. A sociedade já não via o homem; via a deficiência. Sua cegueira havia se tornado sua identidade.

No entanto, quando Jesus chegou, algo extraordinário aconteceu. Jesus nunca se dirigiu a ele por sua condição. Ele simplesmente chamou o homem. Enquanto a multidão se fixava no manto, Jesus via a pessoa por trás dele.

Esse é o coração da misericórdia. A misericórdia se recusa a permitir que a pior temporada de uma pessoa se torne sua identidade permanente. A misericórdia enxerga além dos fracassos, além dos rótulos, além das feridas e além das aparências. Ela vê as pessoas como Deus as vê.

Talvez o maior milagre desta história não seja simplesmente que Bartimeu recebeu sua visão. O milagre maior é que ele foi restaurado a quem sempre havia sido por trás do manto.

Hoje descobriremos que a misericórdia não é simplesmente algo que Deus nos dá. É algo que Deus deseja produzir dentro de nós. E quando sua misericórdia muda a forma como vemos os outros, e até a nós mesmos, começamos a refletir o próprio coração de Cristo.

CLOAKED

PARTE

QUANDO SUA CONDIÇÃO SE TORNA SUA IDENTIDADE

01

“Chegaram a Jericó. E, quando Jesus saía da cidade com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho, mendigando.”

MARCOS 10:46 (NVI)

Marcos é intencional em cada palavra que escreve. Em vez de nos apresentar simplesmente “Bartimeu,” ele o chama de “Bartimeu, o cego.” Esse detalhe revela algo mais profundo do que uma condição médica. Revela como a sociedade havia passado a definir o homem. Sua cegueira havia se tornado sua apresentação. Antes que alguém conhecesse seu coração, sua fé, sua família ou seus sonhos, todos conheciam sua limitação. Sua condição havia se tornado sua identidade.

Essa é uma das estratégias mais antigas de Satanás. Ele nem sempre consegue destruir o destino de uma pessoa, então tenta redefinir sua identidade. Se ele conseguir convencer alguém de que não é nada além do seu fracasso, do seu vício, do seu medo ou do seu passado, ele consegue impedir essa pessoa de crer que Deus ainda tem um propósito para o seu futuro. Muito antes de aprisionar as ações de alguém, ele busca aprisionar sua identidade.

Infelizmente, isso ainda acontece hoje. As pessoas muitas vezes se tornam conhecidas pelo capítulo mais sombrio de suas vidas. Um único erro se torna a lente através da qual todos as enxergam. Ouvimos frases como: “Ele é o alcoólatra,” “Ela é a divorciada,” “Ele é difícil,” “Ela é depressiva,” ou “Eles são rebeldes.” Embora essas descrições possam refletir lutas reais, elas nunca contam a história completa. Elas descrevem uma batalha, mas não definem a pessoa.

O perigo não está apenas no fato de outras pessoas começarem a falar esses rótulos sobre nós. Eventualmente, começamos a falá-los sobre nós mesmos. No início dizemos: “Eu luto com a raiva.” Depois de um tempo, começamos a dizer: “Eu sou apenas uma pessoa raivosa.” A luta silenciosamente se torna nossa identidade. O que começou como uma temporada se torna uma autodescrição permanente.

A Bíblia ensina consistentemente que Deus se recusa a definir as pessoas pelos rótulos que o mundo lhes dá. Ao longo das Escrituras, Ele chama as pessoas de acordo com seu propósito, e não conforme sua condição presente. Quando Deus olhou para Gideão, Ele não viu um agricultor temeroso escondido atrás de um lagar. Ele declarou: “O Senhor está com você, homem valente!” (Juízes 6:12, NVI). Gideão certamente não se sentia valente, mas Deus falou ao homem que Gideão se tornaria, e não ao medo que ele estava vivendo naquele momento.

O mesmo princípio aparece ao longo do ministério de Jesus. Simão era instável, impulsivo e inconstante, mas Jesus o renomeou Pedro, que significa “uma pedra.” Cristo falou identidade antes que Pedro estivesse à altura dela. O Senhor não estava negando as fraquezas de Pedro; Ele simplesmente se recusou a deixar que essas fraquezas tivessem a palavra final.

Isso revela um princípio espiritual importante: Deus sempre fala ao destino antes que qualquer outra pessoa o veja. A fé olha além da condição presente e abraça o futuro que Deus tem para a vida de uma

pessoa.

Paulo mais tarde explica essa nova identidade em Cristo:

“Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!”

2 CORÍNTIOS 5:17 (NVI)

Note que Paulo não diz que algumas coisas se tornam novas. Ele declara que toda a nossa identidade é transformada por meio de Cristo. Nosso passado já não possui autoridade para nos definir. Embora possamos lembrar de onde viemos, já não vivemos sob a autoridade daqueles antigos rótulos.

Isaías lembra ao povo de Deus dessa mesma verdade:

“Não tema, pois eu o resgatei; eu o chamei pelo nome; você é meu.”

ISAÍAS 43:1 (NVI)

Que palavras lindas. Deus diz: “Eu o chamei pelo nome.” O céu não nos apresenta pelos nossos fracassos. O céu conhece nossos nomes. O Senhor não vê apenas o que o pecado tentou fazer de nós; Ele vê o que sua graça ainda está criando dentro de nós.

Talvez seja por isso que a história de Bartimeu é tão poderosa. Antes que o milagre acontecesse, Jesus se recusou a se dirigir a ele por sua cegueira. A multidão pode tê-lo chamado de “Bartimeu, o Cego,” mas Jesus simplesmente chamou o homem. A misericórdia sempre alcança por trás do manto e fala com a pessoa escondida ali.

Como crentes, precisamos aprender a ver as pessoas através dessa mesma lente. A igreja nunca deveria se tornar um lugar onde as pessoas são permanentemente identificadas por sua pior decisão. Em vez disso, deveria ser o lugar onde as pessoas são lembradas de que a graça de Deus é maior que o seu passado. Somos chamados a reconhecer a imagem de Deus por trás de cada ferida, cada fracasso e cada rótulo.

Essa verdade também se aplica pessoalmente. Muitos cristãos continuam vestindo mantos que Jesus já removeu. Eles ainda se apresentam pelos fracassos que Deus já perdoou. Continuam vivendo sob nomes que o céu já não usa. O inimigo constantemente nos lembra do que fomos, enquanto o Senhor continuamente nos chama para o que estamos nos tornando.

Nunca se esqueça deste princípio:

O inimigo te chama pelo seu fracasso. Jesus te chama pelo seu futuro.

Até que creiamos no que Deus diz sobre nós, continuaremos vivendo debaixo de mantos que Cristo nunca teve a intenção de nos fazer usar. O milagre de Bartimeu começou muito antes de ele receber sua visão. Começou no momento em que Jesus olhou além do manto e reconheceu o homem por trás dele. E é exatamente assim que a misericórdia de Deus ainda age hoje.

PARTE

A MISERICÓRDIA VÊ O NOME ANTES DA CONDIÇÃO

02

“Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.”

MATEUS 5:7 (NVI)

Uma das verdades mais profundas desta mensagem é que a misericórdia começa quando lembramos que existe um nome por trás da condição. Esse simples pensamento capta o próprio coração do Evangelho. A misericórdia é muito mais do que sentir compaixão por alguém que está sofrendo. É escolher olhar além do que é imediatamente visível e reconhecer a imagem de Deus que ainda existe por trás de cada ferida, cada fracasso e cada temporada quebrada da vida. Quando Jesus caminhava por Jericó, a multidão viu um mendigo cego sentado à beira do caminho. Eles viram um homem definido por sua deficiência e limitado por suas circunstâncias. Jesus, porém, viu algo completamente diferente. Ele viu um homem cuja fé alcançava além de sua condição, um homem cuja vida estava prestes a ser transformada, e um discípulo escondido debaixo do manto de um mendigo. A multidão notou a cegueira; Jesus notou uma alma.

Essa diferença entre a perspectiva do homem e a perspectiva de Deus é encontrada ao longo de toda a Escritura. Os seres humanos naturalmente avaliam as pessoas pelo que conseguem ver. Notamos a aparência, o comportamento, a personalidade e a reputação, muitas vezes formando conclusões muito antes de conhecer a história de alguém. Deus, porém, sempre olhou muito mais profundamente. Quando Samuel foi ungir o próximo rei de Israel, ele ficou impressionado com a aparência e a estatura dos irmãos mais velhos de Davi. Mas o Senhor interrompeu seu raciocínio com um princípio eterno:

“Pois o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração.”

1 SAMUEL 16:7 (NVI)

Nada mudou. Ainda somos tentados a julgar as pessoas pelo que é visível, enquanto Deus continua a trabalhar de dentro para fora. A misericórdia, portanto, exige que desaceleremos antes de chegar a conclusões. Ela se recusa a escrever toda a história de alguém depois de testemunhar apenas um capítulo doloroso. Ela entende que a luta atual de uma pessoa pode explicar onde ela está, mas não determina quem ela pode se tornar pela graça de Deus.

O Pastor Tisdale destaca que lutas prolongadas muitas vezes se tornam rótulos permanentes aos olhos dos outros. As pessoas são apresentadas por suas fraquezas em vez de por seus nomes. Alguém se torna “o viciado,” “a pessoa raivosa,” “a deprimida,” ou “o que voltou atrás.” Embora essas descrições possam refletir batalhas reais, elas nunca contam a história completa. A misericórdia nunca nega a realidade, mas também não reduz toda a identidade de uma pessoa a essa realidade. Ela reconhece que sempre há mais por baixo da superfície do que os olhos conseguem ver.

Jesus demonstrou isso repetidamente ao longo de seu ministério. Quando Ele chamou Mateus, todos os demais viam um cobrador de impostos desonesto que havia se enriquecido às custas de seu próprio povo. Jesus viu um futuro apóstolo. Quando parou debaixo da árvore de sicômoro e chamou Zaqueu pelo

nome, a multidão viu um homem corrupto que merecia rejeição, mas Jesus declarou que a salvação havia chegado àquela casa e lembrou a todos que ele também era “filho de Abraão” (Lucas 19:9, NVI). O Senhor não ignorou o pecado de Zaqueu; Ele simplesmente se recusou a deixar que o pecado se tornasse a identidade permanente do homem. A misericórdia sempre fala à pessoa que Deus deseja que alguém se torne, e não aos fracassos que atualmente a cercam.

Talvez um dos exemplos mais claros esteja na conversa de Jesus com a mulher samaritana. Os discípulos a teriam visto como uma mulher de reputação vergonhosa e passado complicado. A sociedade já havia escrito sua história. Jesus, porém, viu uma alma sedenta, ansiando por água viva. Antes que o dia terminasse, a mulher que havia sido rejeitada por sua comunidade se tornou aquela que convidou uma cidade inteira para vir conhecer o Messias. A misericórdia viu uma evangelista onde todos os outros viam um fracasso.

Essa verdade deveria afetar profundamente a maneira como ministramos dentro da igreja. Somos tentados com frequência a fazer suposições rápidas sobre as pessoas com base em comportamento externo. Quando alguém se torna distante, presumimos que já não se importa. Quando alguém reage emocionalmente, questionamos sua maturidade. Quando alguém luta repetidamente, começamos a acreditar que simplesmente não quer mudar. O Pastor Tisdale nos lembra que, quando a misericórdia desaparece, paramos de ver pessoas e começamos a ver problemas. Os líderes começam a notar padrões em vez de potencial, e os crentes começam a reconhecer fracassos mais rapidamente do que evidências da graça de Deus.

Jesus nunca ministrou dessa forma. Ele tratava do pecado com honestidade, mas nunca confundiu o comportamento de uma pessoa com sua identidade. Quando a mulher flagrada em adultério foi trazida diante dele, Ele não desculpou seu pecado nem a condenou a permanecer nele. Em vez disso, declarou com amor: “Também eu não a condeno; vá e não peque mais” (João 8:11, NVI). Verdade e misericórdia caminharam de mãos dadas. A santidade foi preservada, o arrependimento foi exigido, e ainda assim a graça abriu a porta para a transformação.

João resume lindamente o ministério de Cristo dizendo que Ele era “cheio de graça e de verdade” (João 1:14, NVI). Essas duas qualidades nunca competiram entre si. A verdade sem misericórdia se torna dura e muitas vezes afasta ainda mais as pessoas feridas de Deus. A misericórdia sem verdade deixa as pessoas confortáveis na própria escravidão da qual Cristo veio libertá-las. Jesus equilibrou perfeitamente as duas. Ele amou as pessoas o suficiente para lhes dizer a verdade, e as amou demais para deixá-las onde estavam.

Como seguidores de Cristo, somos chamados a cultivar essa mesma perspectiva. Cada um de nós veio a Deus vestindo algum tipo de manto. Alguns vestiam o manto do orgulho, outros o manto do medo, do vício, da vergonha, da amargura ou do fracasso. No entanto, Jesus olhou por trás de cada uma dessas vestes e nos chamou pelo nome. Ele viu o que sua graça poderia realizar muito antes que qualquer outra pessoa visse. Se realmente experimentamos esse tipo de misericórdia, deveríamos ser os primeiros a estendê-la aos outros.

Talvez a pergunta que deveríamos nos fazer não seja mais: “O que há de errado com essa pessoa?” Em vez disso, deveríamos começar a perguntar: “O que Deus vê nela que eu ainda não aprendi a ver?” Essa única pergunta muda a forma como lideramos, como educamos nossos filhos, como servimos e como amamos. A misericórdia começa no momento em que escolhemos ver as pessoas pelos olhos de Cristo, em vez de pelos rótulos que o mundo colocou sobre elas.

PARTE

**A VERDADE SEM MISERICÓRDIA FERE; A MISERICÓRDIA SEM
VERDADE MANTÉM AS PESSOAS PRESAS**

03

“E o Verbo se fez carne e viveu entre nós... cheio de graça e de verdade.”

JOÃO 1:14 (NVI)

Uma das maiores tensões que todo crente precisa aprender a administrar é a relação entre verdade e misericórdia. Ao longo da história da igreja, houve aqueles que enfatizaram tanto a verdade que a misericórdia quase desapareceu, enquanto outros enfatizaram tanto a misericórdia que a verdade se tornou secundária. Jesus não abraçou nenhum dos dois extremos. A Bíblia diz que Ele veio “cheio de graça e de verdade.” Note que a Escritura não apresenta essas qualidades como virtudes concorrentes, mas como características complementares da natureza de Cristo. Onde quer que Jesus fosse, verdade e misericórdia caminhavam juntas.

O Pastor Tisdale faz uma observação profunda nesta lição: a verdade sem misericórdia se torna uma faca na mão errada, enquanto a misericórdia sem verdade se torna permissão para permanecer preso. Essa declaração resume perfeitamente o ministério de Jesus. A verdade tem o poder de expor o que está errado, mas a misericórdia determina como essa verdade é entregue. Sem misericórdia, a verdade pode se tornar dura, fria e destrutiva. Ela pode expor o problema, mas falhar em restaurar a pessoa. Por outro lado, a misericórdia sem verdade pode fazer as pessoas se sentirem aceitas enquanto continuam presas exatamente aos pecados dos quais Cristo veio libertá-las.

Esse equilíbrio pode ser visto ao longo de todo o ministério de Cristo. Jesus nunca ignorou o pecado, mas também nunca permitiu que o pecado se tornasse a identidade permanente de uma pessoa. Considere a mulher flagrada em adultério. Os líderes religiosos queriam justiça sem misericórdia. Eles a arrastaram para a praça pública, expuseram sua vergonha e exigiram julgamento imediato. Sua preocupação não era a restauração, mas a condenação. Jesus respondeu de forma muito diferente. Depois de confrontar a hipocrisia de seus acusadores, Ele olhou para a mulher e declarou:

“Também eu não a condeno; vá e não peque mais.”

JOÃO 8:11 (NVI)

Note o equilíbrio perfeito. Jesus não disse apenas “Também eu não a condeno” e parou por aí. Se tivesse feito isso, teria ignorado a gravidade do pecado dela. Também não disse apenas “Vá e não peque mais” sem antes estender misericórdia. Em vez disso, ofereceu perdão antes de exigir transformação. A graça abriu a porta, e a verdade mostrou o caminho a seguir.

Esse padrão deveria moldar toda a área do ministério cristão. Nossa responsabilidade nunca é apenas apontar o que está errado. Até os fariseus sabiam fazer isso. O ministério de Cristo vai além. Ele busca a restauração. Fala a verdade com esperança de cura, e não com desejo de humilhar. O propósito da correção bíblica não é vencer uma discussão; é restaurar um irmão ou uma irmã à comunhão com Deus.

O apóstolo Paulo reflete esse mesmo princípio ao escrever à igreja em Éfeso. Ele instrui os crentes a falarem “a verdade em amor” (Efésios 4:15, NVI). Verdade e amor não podem ser separados sem

danificar ambos. O amor sem verdade perde seu poder de transformar, enquanto a verdade sem amor perde seu poder de curar. O plano de Deus é que toda conversa difícil seja governada tanto pela convicção quanto pela compaixão.

Esse equilíbrio se torna especialmente importante dentro da igreja. Às vezes os crentes se tornam tão apaixonados pela santidade que começam a medir a maturidade espiritual pela rapidez com que conseguem identificar os fracassos de outra pessoa. O discernimento é necessário, mas o discernimento sem compaixão pode silenciosamente se transformar em julgamento. O Pastor Tisdale nos lembra que, quando a misericórdia desaparece, começamos a ver problemas em vez de pessoas. Notamos o comportamento antes de reconhecer o quebrantamento. Nos tornamos especialistas em identificar fraquezas, esquecendo que todo crente ainda está em processo.

Jesus nunca ministrou dessa forma. Sempre que confrontava o pecado, as pessoas saíam com esperança em vez de desespero. Suas palavras perfuravam a consciência, mas também erguiam o coração. O jovem rico se afastou triste, não porque Jesus foi duro, mas porque a verdade expôs com amor o ídolo que ele se recusava a entregar. Pedro chorou amargamente depois de negar Cristo, mas Jesus mais tarde o restaurou em vez de substituí-lo. Tomé duvidou, mas Jesus o convidou a tocar as cicatrizes em vez de rejeitá-lo por sua incredulidade. Em cada caso, a verdade revelou a necessidade, enquanto a misericórdia preservou o relacionamento.

Essa é uma lição importante para todo líder cristão, pai, cônjuge e amigo. Nosso objetivo nunca é simplesmente estar certo. Somos chamados a ajudar as pessoas a ficarem certas diante de Deus. Há uma diferença significativa. Uma pessoa pode vencer uma discussão e ainda assim perder uma alma. Jesus nunca sacrificou a verdade, mas também nunca a usou como arma para ferir as pessoas desnecessariamente. Suas palavras sempre carregavam a esperança da redenção.

Talvez uma das maiores evidências de maturidade espiritual seja aprender a dizer a verdade a alguém com lágrimas, e não com triunfo. O apóstolo Paulo descreveu seu próprio ministério dessa forma ao lembrar os presbíteros de Éfeso de que havia advertido as pessoas “com lágrimas” (Atos 20:31). Sua correção brotava do amor, não da frustração. Ele se angustiaava com a possibilidade de pessoas se perderem, porque a misericórdia enchia seu coração ao mesmo tempo em que a verdade enchia sua boca.

Como discípulos de Cristo, devemos examinar continuamente nossos próprios corações. As pessoas experimentam esperança depois que falamos com elas, ou apenas condenação? Nossas palavras convidam ao arrependimento, ou apenas expõem o fracasso? Os outros conseguem sentir que genuinamente desejamos sua restauração, mesmo quando verdades difíceis precisam ser ditas? Essas perguntas revelam se estamos ministrando no espírito de Cristo ou apenas expressando nossas próprias opiniões.

A própria cruz é o maior retrato desse equilíbrio divino. No Calvário, a verdade de Deus declarou que o pecado exigia um preço. Sua santidade não podia ignorar a rebelião. Ainda assim, a misericórdia de Deus se recusou a abandonar a humanidade. Justiça e misericórdia se encontraram na cruz. A verdade foi

plenamente satisfeita, e a graça foi oferecida gratuitamente. Por causa da cruz, nunca precisamos escolher entre verdade e misericórdia: elas já foram perfeitamente unidas em Jesus Cristo.

Quando a igreja aprende a viver nesse mesmo equilíbrio, ela se torna um lugar onde os pecadores são convencidos sem serem esmagados, onde a santidade é pregada sem se tornar dureza, e onde pessoas quebrantadas descobrem que o mesmo Deus que expõe suas feridas com amor também possui o poder de curá-las. Esse é o ministério de Jesus, e precisa se tornar o ministério de sua Igreja.

PARTE

A MISERICÓRDIA FAZ PERGUNTAS MELHORES

04

“Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês que são espirituais deverão restaurá-lo com mansidão. Cuidado, porém, cada um consigo mesmo, para que também não seja tentado.”

GÁLATAS 6:1 (NVI)

Uma das evidências mais claras de maturidade espiritual não é a rapidez com que conseguimos identificar a falha de alguém, mas o quanto nos esforçamos para entender a pessoa por trás dela. O Pastor Tisdale faz uma observação poderosa que desafia todo crente: a misericórdia faz perguntas melhores. O julgamento normalmente se satisfaz com aparências. A misericórdia, porém, nunca se contenta com o que é meramente visível. Ela entende que o comportamento é muitas vezes fruto de algo muito mais profundo. Antes de chegar a uma conclusão, a misericórdia pausa o suficiente para perguntar o que pode ter acontecido por baixo da superfície.

A natureza humana tem a tendência de escrever biografias inteiras baseadas em momentos isolados. Vemos alguém ficar quieto e presumimos que é arrogante. Alguém chega atrasado, e concluímos que é irresponsável. Uma pessoa reage emocionalmente, e rapidamente a rotulamos de instável. Outra fica na defensiva, e decidimos que tem um espírito rebelde. Sem perceber, transformamos um único momento em um julgamento permanente sobre o caráter de alguém. No entanto, esquecemos uma verdade importante: muitas vezes conhecemos o comportamento, mas não conhecemos o fardo. Vemos a reação, mas não temos conhecimento da batalha que a produziu.

Essa nunca foi a abordagem de Jesus. Ao longo dos Evangelhos, Cristo continuamente olhava além do comportamento até encontrar a necessidade mais profunda. Quando outros viam um cobrador de impostos, Ele via um homem solitário em busca de propósito. Quando outros viam uma mulher lavando seus pés com lágrimas, viam apenas sua reputação pecaminosa, mas Jesus reconheceu um coração profundamente perdoado. Enquanto outros condenavam a negação de Pedro, Jesus entendia o medo, a confusão e a decepção esmagadora que enchiam seu coração. O Senhor consistentemente olhava além das ações até alcançar a condição da alma.

Talvez seja por isso que Provérbios nos dá um conselho tão sábio:

“Responder antes de ouvir é insensatez e motivo de vergonha.”

PROVÉRBIOS 18:13 (NVI)

Embora esse provérbio fale sobre ouvir antes de responder, o princípio vai muito além. Espiritualmente, nunca deveríamos chegar a conclusões antes de ouvir a história de alguém. Raramente possuímos informações suficientes para julgar as motivações de outra pessoa. Podemos testemunhar suas ações, mas somente Deus entende plenamente o coração.

O Pastor Tisdale faz várias perguntas que ilustram lindamente a perspectiva da misericórdia. Em vez de criticar imediatamente o comportamento de alguém, a misericórdia pergunta: “Que ferida ensinou essa

peessoa a responder dessa forma? Que medo está impulsionando aquela raiva? Que vergonha está escondida por trás de sua distância? Que luto está produzindo seu silêncio? Que batalha de longo prazo moldou a forma como ela se vê?” Essas não são perguntas que desculpam o pecado; são perguntas que buscam entendimento antes de oferecer correção.

Esse princípio é profundamente bíblico. Ao longo das Escrituras, Deus continuamente tratava do coração antes de tratar do comportamento. O adultério de Davi foi um pecado terrível, mas o Senhor finalmente expôs algo muito mais profundo: um coração que precisava de arrependimento. O desânimo de Elias após o Monte Carmelo não era simplesmente fraqueza; era exaustão, solidão e medo. A frustração de Marta não era apenas sobre servir; revelava um coração ansioso e perturbado. Repetidas vezes, Deus demonstrou que a transformação duradoura só ocorre quando a raiz é tratada, e não apenas quando os galhos são podados.

Como crentes, precisamos nos proteger de atribuir motivações onde apenas testemunhamos momentos. Somente Deus sabe por que alguém respondeu da forma que respondeu. Podemos saber o que aconteceu, mas raramente sabemos tudo o que levou àquele momento. Talvez alguém esteja carregando anos de rejeição. Talvez esteja lutando silenciosamente contra a ansiedade. Talvez tenha vivido uma traição que tornou incrivelmente difícil confiar nos outros. Nenhuma dessas realidades justifica comportamento pecaminoso, mas muitas vezes nos ajudam a entender por que a cura precisa acompanhar a correção.

Tiago dá à igreja uma sabedoria prática que reflete o espírito da misericórdia:

“Meus amados irmãos, tomem nota disto: Todo homem deve ser pronto para ouvir, tardio para falar e tardio para se irar.”

TIAGO 1:19 (NVI)

Esses três mandamentos estão notavelmente conectados. Pessoas que ouvem bem normalmente julgam menos rapidamente. Aqueles que estão ansiosos para ouvir são mais lentos para criticar, porque reconhecem o quanto ainda não sabem. A misericórdia ouve antes de rotular. Ela busca entendimento antes de oferecer opiniões. Ela escolhe a compaixão em vez de suposições.

Esse princípio transforma todo relacionamento. No casamento, a misericórdia pergunta: “O que meu cônjuge está carregando que eu deixei de notar?” Como pais, a misericórdia se pergunta: “A atitude do meu filho está revelando uma luta mais profunda?” No ministério, a misericórdia pergunta: “Essa resistência é, na verdade, dor?” Mesmo nas amizades, a misericórdia escolhe acreditar no melhor, ao mesmo tempo em que permanece fundamentada na verdade.

O apóstolo Paulo reflete esse espírito perfeitamente em Gálatas 6:1. Ele não ordena que os crentes espirituais exponham uns aos outros. Ele ordena que se restaurem uns aos outros. A restauração sempre exige paciência, porque a cura raramente acontece instantaneamente. Ossos quebrados precisam ser cuidadosamente colocados no lugar antes de se fortalecerem novamente, e corações feridos exigem a

mesma atenção cuidadosa. Uma mão dura pode piorar a ferida, enquanto a sabedoria gentil cria um ambiente onde a cura pode começar.

Em última análise, a misericórdia nos lembra que toda pessoa que encontramos está lutando uma batalha que não conseguimos ver completamente. Algumas batalhas são visíveis, enquanto outras permanecem escondidas debaixo de mantos cuidadosamente vestidos. Nossa responsabilidade não é especular sobre motivações, mas amar as pessoas o suficiente para apontá-las para Cristo. Não podemos curar toda ferida, mas podemos nos recusar a nos tornar mais uma fonte de dor. Quando começamos a fazer perguntas melhores em vez de fazer suposições rápidas, criamos espaço para o Espírito Santo agir de formas que o julgamento jamais conseguiria.

Talvez, antes de falar sobre a luta de outra pessoa, devêssemos primeiro nos fazer uma pergunta simples: “Se Jesus estivesse aqui, o que Ele veria que eu deixei passar?” Essa pergunta tem o poder de transformar não apenas a forma como vemos os outros, mas também a forma como representamos Cristo a um mundo ferido.

CLOAKED

PARTE

O MINISTÉRIO DA RESTAURAÇÃO

05

“Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês que são espirituais deverão restaurá-lo com mansidão. Cuidado, porém, cada um consigo mesmo, para que também não seja tentado. Levem os fardos uns dos outros e assim cumprirão a lei de Cristo.”

GÁLATAS 6:1-2 (NVI)

Uma das declarações mais desafiadoras desta mensagem vem de Gálatas 6. Paulo não se dirige especificamente a pastores, presbíteros ou líderes de ministério. Em vez disso, ele se dirige aos “irmãos.” Todo crente que deseja ser espiritualmente maduro está incluído nessa instrução. O ministério da restauração não é reservado para poucos escolhidos; faz parte do chamado de todo seguidor de Jesus Cristo. Se afirmamos ser espirituais, também somos chamados a nos tornar restauradores.

O Pastor Tisdale destaca algo fácil de passar despercebido. Paulo não diz: “Se alguém for surpreendido em uma falta, exponha-o.” Ele não diz: “Comente sobre ele.” Ele nem diz: “Evite-o.” Seu mandamento é notavelmente simples: restaure-o. Essa única palavra muda tudo. O propósito de Deus nunca foi apenas revelar o quebrantamento; seu propósito sempre foi curá-lo. O objetivo da maturidade espiritual não é se tornar melhor em identificar falhas, mas se tornar mais eficaz em trazer as pessoas de volta a Cristo.

A palavra restaurar é significativa. No grego original, ela carrega a ideia de recolocar algo em seu devido lugar. Era usada para remendar redes de pesca, consertar equipamentos danificados e até descrever o cuidadoso reposicionamento de um osso quebrado. Nenhuma dessas tarefas é feita de forma descuidada ou violenta. Um pescador não rasga sua rede porque tem um buraco; ele a conserta pacientemente. Um médico não quebra novamente um braço fraturado; ele o realinha com cuidado para que a cura possa começar. Da mesma forma, a restauração espiritual exige paciência, sabedoria, humildade e amor. Pessoas feridas não são projetos a serem concluídos; são vidas que Deus deseja curar.

É por isso que Paulo acrescenta outra frase importante: “no espírito de mansidão.” Mansidão não é fraqueza. É força sob controle. É humildade que se lembra de sua própria dependência da graça de Deus. Um crente manso nunca restaura alguém a partir de uma posição de superioridade. Nunca diz: “Estou aqui porque eu jamais cometeria os erros que você cometeu.” Em vez disso, reconhece que, se não fosse pela misericórdia de Deus, poderia facilmente estar no mesmo lugar.

Paulo reforça imediatamente essa atitude ao escrever: “cuidado, porém, cada um consigo mesmo, para que também não seja tentado.” Antes de nos voltarmos para o fracasso de outra pessoa, somos instruídos a examinar nossos próprios corações. Esse mandamento nos protege do orgulho. Ele nos lembra que todo crente é capaz de cair se deixar de depender do Senhor. A maturidade espiritual não elimina a possibilidade de fracasso; ela produz maior humildade, porque entendemos o quanto ainda precisamos desesperadamente da graça de Deus.

Esse princípio ecoa ao longo de toda a Escritura. O apóstolo Pedro, que uma vez declarou com confiança que jamais negaria Cristo, aprendeu por meio de uma experiência dolorosa como a autoconfiança pode desmoronar rapidamente. Apenas horas depois de fazer essa declaração ousada, ele negou o Senhor três vezes. No entanto, Jesus não descartou Pedro por causa de seu fracasso. Depois da ressurreição,

Cristo intencionalmente o restaurou. Três vezes Jesus perguntou a Pedro: “Tu me amas?” e três vezes voltou a confiar a ele a responsabilidade de apascentar suas ovelhas (João 21:15-17). O mesmo discípulo que havia fracassado publicamente foi restaurado publicamente, porque a misericórdia se recusou a deixar que o fracasso tivesse a palavra final.

Essa restauração é um dos retratos mais lindos do Evangelho. Jesus não fingiu que Pedro nunca havia pecado. Também não ficou continuamente lembrando Pedro de seu maior fracasso. Em vez disso, confrontou a questão, restaurou o relacionamento e o recomissionou para o ministério. É assim que a restauração bíblica se parece. Ela reconhece a ferida, mas também acredita que a cura é possível.

O Pastor Tisdale oferece um desafio prático que toda igreja deveria lembrar: restaure as pessoas, não as denuncie. Essas palavras expõem um dos perigos sutis dentro das comunidades cristãs. Muitas vezes é mais fácil comentar sobre o fracasso de alguém do que caminhar ao seu lado pelo difícil processo de restauração. Conversas sobre as fraquezas das pessoas exigem muito pouco sacrifício. A restauração, porém, exige tempo, paciência, oração e amor genuíno. Ela exige que carreguemos fardos que não nos pertencem, simplesmente porque Cristo carregou os nossos.

É exatamente isso que Paulo quer dizer no versículo seguinte:

“Levem os fardos uns dos outros e assim cumprirão a lei de Cristo.”

GÁLATAS 6:2 (NVI)

Note que Paulo não diz aos crentes apenas para notarem os fardos uns dos outros. Ele os ordena a carregá-los. Carregar o fardo de outra pessoa significa entrar em sua luta com compaixão, em vez de permanecer à distância com crítica. Significa orar quando ela está cansada demais para orar, encorajá-la quando está desanimada, e lembrá-la das promessas de Deus quando ela as esqueceu. A restauração nunca é alcançada por meio da condenação. Ela é alcançada por crentes dispostos a caminhar com pessoas feridas até que a cura comece.

Essa é uma das razões pelas quais a igreja primitiva era tão poderosa. Não era simplesmente uma comunidade onde a verdade era pregada; era uma comunidade onde a graça era vivida. Os crentes confessavam suas faltas, oravam uns pelos outros, se encorajavam diariamente e carregavam os fardos uns dos outros. Eles entendiam que ninguém cresce espiritualmente em completo isolamento. Deus projetou sua Igreja para se tornar um lugar onde pessoas quebrantadas pudessem encontrar restauração em vez de rejeição.

Talvez um dos maiores obstáculos à restauração seja o orgulho. O orgulho sussurra: “Eu jamais faria isso.” A misericórdia responde silenciosamente: “Se não fosse pela graça de Deus, eu também não estaria de pé hoje.” Quanto mais tempo caminhamos com Cristo, mais conscientes nos tornamos de quanto ainda dependemos de sua misericórdia. Essa consciência produz humildade, e a humildade produz compaixão.

Cada um de nós já precisou de alguém que se recusasse a nos definir pelo nosso pior momento. Alguém orou por nós quando tropeçamos. Alguém nos encorajou quando duvidamos. Alguém acreditou que Deus ainda tinha um propósito para nossas vidas, mesmo quando nós mesmos lutávamos para acreditar nisso. Estamos de pé hoje porque alguém escolheu a restauração em vez da condenação.

Agora a responsabilidade se torna nossa.

A Igreja nunca deveria se tornar conhecida apenas por expor o pecado. Deveria se tornar conhecida por restaurar pecadores por meio do poder transformador de Jesus Cristo. Santidade e restauração não são inimigas; são parceiras na obra do Evangelho. A verdade de Deus revela o que precisa mudar, enquanto sua misericórdia oferece a esperança de que a mudança é possível. Quando essas duas coisas trabalham juntas, vidas são transformadas, famílias são restauradas, e pessoas que antes se sentavam à beira do caminho vestindo mantos de vergonha começam a seguir Jesus com alegria.

Esse é o ministério que Cristo confiou à sua Igreja. Não é apenas o ministério da correção. É o ministério da restauração. E quando a Igreja abraça esse chamado, ela começa a refletir o próprio coração do Salvador, que veio “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10, NVI).

PARTE

LANÇANDO FORA O MANTO

06 CLOAKED

“Bartimeu jogou fora o manto e, num salto, foi ao encontro de Jesus.”

MARCOS 10:50 (NVI)

Talvez o momento mais negligenciado em todo o relato de Bartimeu esteja em um único versículo. Antes de Jesus sequer tocar seus olhos, antes de o milagre se manifestar visivelmente, e antes que ele pudesse provar que algo havia mudado, Bartimeu jogou fora o manto. À primeira vista, isso pode parecer um detalhe insignificante, mas Marcos o registra intencionalmente porque revela o que estava acontecendo no coração do homem. Sua cura ainda não havia se tornado visível, mas sua fé já havia começado a mudar a forma como ele se via. Muito antes de seus olhos serem abertos, ele já havia decidido que não viveria mais como o homem que costumava ser.

Historicamente, muitos estudiosos acreditam que o manto de Bartimeu era mais do que uma simples veste externa. Provavelmente o identificava como um mendigo oficialmente reconhecido. Representava sua ocupação, sua dependência e seu lugar na sociedade. Todos os dias ele vestia aquele manto porque contava a todos quem ele era e por que estava sentado à beira do caminho pedindo ajuda. Havia se tornado tanto sua identidade quanto, de muitas formas, sua segurança. Sem ele, não tinha nenhuma prova visível de quem havia sido.

Isso torna sua atitude ainda mais notável. Bartimeu jogou fora a própria coisa que o havia sustentado por anos, antes de ter qualquer evidência física de que sua vida estava prestes a mudar. Sua fé se moveu antes de suas circunstâncias. Ele se recusou a se agarrar à antiga identidade enquanto alcançava a nova que Jesus estava oferecendo.

É frequentemente ali que a verdadeira transformação começa. Antes de Deus mudar nossas circunstâncias, Ele começa a mudar nossa identidade. Muitas pessoas pedem a Deus que transforme suas vidas enquanto continuam se agarrando aos rótulos, hábitos e mentalidades que pertencem à sua vida antiga. Elas querem um futuro novo, mas não estão dispostas a soltar o manto antigo. Bartimeu nos ensina que a fé está disposta a soltar antes de conseguir ver plenamente.

Esse mesmo princípio aparece ao longo de toda a Escritura. Quando Abrão encontrou Deus, o Senhor não simplesmente prometeu um filho a ele. Primeiro, Ele lhe deu um novo nome. Abrão se tornou Abraão porque Deus queria que sua identidade refletisse seu futuro, e não sua realidade presente. Da mesma forma, Jacó lutou com o Senhor durante toda a noite, e quando o encontro terminou, ele saiu com um novo nome: Israel. Antes de mudar a direção de sua vida, Deus mudou a forma como Jacó entenderia a si mesmo.

O apóstolo Paulo descreve essa transformação de forma semelhante:

“Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no espírito da sua mente, e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e santidade provenientes da verdade.”

EFÉSIOS 4:22-24 (NVI)

Paulo usa a linguagem das vestes. Ele diz aos crentes para se despirem do velho homem e se revestirem do novo homem. A vida cristã não é apenas sobre mudar de comportamento; é sobre abraçar uma identidade completamente nova em Cristo. Assim como Bartimeu jogou fora seu manto, os crentes são chamados a deixar de lado as antigas vestes de pecado, vergonha, amargura, medo e condenação que já não lhes pertencem.

É aqui que muitos cristãos lutam. Eles sinceramente creem que Deus os perdoou, mas continuam vestindo o manto dos fracassos de ontem. Embora o céu os tenha declarado perdoados, eles ainda se definem pelo que costumavam ser. Continuam se apresentando pelos antigos rótulos que Cristo já removeu. Alguns ainda vestem o manto da culpa. Outros vestem o manto do medo, da rejeição, da insegurança, do vício ou do arrependimento. Embora essas experiências possam ter moldado parte de sua história, elas nunca deveriam definir o resto dela.

O Pastor Tisdale destaca algo que merece uma reflexão cuidadosa. Às vezes nos tornamos tão familiarizados com o manto que começamos a proteger a própria identidade que nos mantém presos. Paramos de esperar mudança porque vivemos com a luta por tempo demais. Silenciosamente concluímos: “É apenas quem eu sou.” No entanto, esse é um dos maiores enganos do inimigo. Satanás não pode impedir que a graça de Deus nos alcance, então tenta nos convencer de que a transformação duradoura é impossível. Ele quer que os crentes permaneçam sentados à beira do caminho, vestindo vestes que Jesus já os chamou para deixar para trás.

O aspecto notável sobre Bartimeu é que ele não esperou até poder ver claramente antes de agir em fé. Ele respondeu imediatamente à voz de Jesus. Sua confiança não estava no que seus olhos podiam confirmar, mas em quem o havia chamado. A fé sempre confia mais no caráter de Cristo do que nas evidências do momento.

Hebreus nos lembra dessa verdade:

“Fixando os olhos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé... Livremo-nos de todo o peso e do pecado que nos envolve.”

HEBREUS 12:1-2 (NVI)

Note que os crentes são instruídos a deixar de lado tudo o que os impede de seguir Cristo. Alguns pesos são hábitos pecaminosos, enquanto outros são falsas identidades que continuam a moldar nossa forma de pensar. Um crente pode ter abandonado o comportamento pecaminoso anos atrás e ainda assim

carregar o peso da vergonha. Outro pode ter recebido o perdão de Deus, mas ainda luta para perdoar a si mesmo. Esses mantos se tornam fardos desnecessários que nos impedem de caminhar livremente com o Senhor.

Essa verdade tem implicações profundas para a Igreja. Às vezes as pessoas finalmente começam a mudar, mas aqueles ao seu redor continuam entregando-lhes o manto antigo. Eles as lembram de quem costumavam ser, em vez de celebrar quem estão se tornando. Continuam falando os antigos rótulos sobre vidas que Deus está transformando. No entanto, Jesus nunca chamou Bartimeu de “o cego.” A multidão o chamava assim. Cristo simplesmente o chamou para vir. A misericórdia se recusa a continuar vestindo as pessoas com vestes que Deus já removeu.

O mesmo princípio se aplica a nós pessoalmente. Eventualmente precisamos tomar uma decisão. Continuaremos vestindo as vestes do nosso passado, ou vamos crer no que Cristo diz sobre nós? Todo crente chega a um momento em que precisa parar de concordar com as acusações do inimigo e começar a concordar com as promessas de Deus. O manto pode ter descrito o ontem, mas não tem autoridade sobre o amanhã.

Talvez seja por isso que Bartimeu nunca voltou para pegá-lo. Uma vez que Jesus o chamou para vir, não havia razão para voltar à veste que havia definido sua vida antiga. Ele havia encontrado algo infinitamente maior do que a segurança que aquele manto uma vez oferecia. Ele havia encontrado o Salvador.

O mesmo convite é estendido a todo crente hoje. Jesus ainda está chamando as pessoas para saírem debaixo das vestes de vergonha, medo, fracasso e condenação. O milagre começa no momento em que cremos que sua voz tem mais autoridade do que os rótulos que carregamos por anos. Assim como Bartimeu, somos convidados a deixar o manto para trás e seguir Aquele que sozinho tem o poder de fazer novas todas as coisas.

PARTE

RECEBENDO MISERICÓRDIA PARA SI MESMO

“Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, os que não vivem segundo a carne, mas segundo o Espírito.”

ROMANOS 8:1 (NVI)

Ao começar a concluir esta mensagem, o Pastor Tisdale leva a lição a uma direção que muitos de nós não esperamos. Ao longo do sermão, ele nos desafiou a nos tornarmos mais misericordiosos com os outros, mas agora ele volta o espelho para nossos próprios corações. Sua pergunta é ao mesmo tempo simples e profunda: E se a pessoa a quem você tem mostrado menos misericórdia for você mesmo?

Muitos crentes aprenderam a perdoar os outros, a encorajar os outros e até a crer nas promessas de Deus para os outros. No entanto, quando se olham no espelho, continuam a se ver através do manto do seu passado. Creem que Deus pode restaurar casamentos, mas não o deles. Creem que Deus pode curar corações partidos, mas de alguma forma suas próprias feridas estão além do reparo. Alegam-se quando outros testemunham da graça de Deus, mas silenciosamente se perguntam se já esgotaram sua paciência com seus próprios fracassos.

Essa é uma das maiores estratégias do inimigo. Se ele não consegue impedir que alguém venha a Cristo, tentará impedi-lo de desfrutar a liberdade que Cristo já proveu. Ele sussurra acusações até que os crentes comecem a concordar com elas. Elas podem ser perdoadas por Deus, mas continuam vivendo como prisioneiras da vergonha. Seu passado se torna mais alto do que as promessas de Deus, e a condenação lentamente substitui a confiança.

Há, porém, uma distinção importante que todo cristão precisa entender. O Espírito Santo convence; Satanás condena. A convicção é um dos maiores presentes de Deus, porque nos conduz ao arrependimento e à restauração. A condenação, porém, nos empurra para a desesperança e o desespero. A convicção diz: “Esta área da sua vida precisa mudar.” A condenação diz: “Você nunca vai mudar.” A convicção nos aponta para a cruz; a condenação nos aponta de volta para nossos fracassos. A convicção produz arrependimento; a condenação produz paralisia.

Paulo faz essa distinção de forma linda em Romanos:

“Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus...”

ROMANOS 8:1 (NVI)

Note que Paulo não diz que os crentes nunca lembrarão de seu passado. Ele diz que eles não vivem mais sob condenação. A sentença já foi paga. Cristo já carregou nossa culpa na cruz. O inimigo pode continuar trazendo acusações, mas o céu já nos declarou perdoados.

Essa verdade é essencial porque muitos cristãos sinceros, sem perceber, colocam a si mesmos em um trono que pertence somente a Deus. Continuamente se julgam por pecados que Cristo já perdoou. Revivem conversas que gostariam de poder mudar. Voltam a decisões das quais se arrependem.

Carregam culpa por fracassos como pais, cônjuges, líderes ou filhos de Deus. O Pastor Tisdale fala diretamente a essas lutas escondidas, lembrando-nos de que, embora possamos ter alguma responsabilidade por parte de nossa dor, a misericórdia de Deus ainda é maior que nossos erros. Sua graça não se esgotou simplesmente porque estamos decepcionados conosco mesmos.

As Escrituras continuamente nos lembram que a misericórdia de Deus não é um presente ocasional; é parte de seu caráter.

“É por causa das misericórdias do Senhor que não somos consumidos, pois as suas misericórdias são inesgotáveis. Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade.”

LAMENTAÇÕES 3:22-23 (NVI)

Que promessa incrível. Jeremias escreveu essas palavras cercado pela devastação de Jerusalém. Humanamente falando, tudo parecia sem esperança. No entanto, em meio a uma perda avassaladora, ele se lembrou de algo que as circunstâncias não podiam apagar: cada amanhecer traz nova misericórdia de Deus. Os fracassos de ontem não cancelam a graça de hoje. Cada manhã é mais um lembrete de que a fidelidade de Deus é maior que a nossa fraqueza.

Davi também entendeu isso. Depois de seus próprios fracassos terríveis, ele não apenas orou pedindo perdão; aprendeu a descansar na misericórdia de Deus. Por isso escreveu:

“Bendiga o Senhor, ó minha alma, e não se esqueça de nenhuma de suas bênçãos: ele perdoa todos os meus pecados... ele resgata da destruição a minha vida e me coroa de amor e compaixão.”

SALMOS 103:2-4 (NVI)

Note a linguagem de Davi. Deus não apenas perdoa; Ele resgata. Não apenas remove a culpa; Ele restaura o propósito. A misericórdia nunca se contenta em nos deixar onde nos encontrou.

Isso é exatamente o que aconteceu com Bartimeu. Imagine se ele tivesse respondido a Jesus dizendo: “Senhor, não posso vir porque ainda estou cego.” Imagine se ele tivesse se recusado a deixar seu manto porque acreditava que sempre seria um mendigo. Ele teria permanecido à beira do caminho, não porque Jesus não tinha poder, mas porque ele não conseguia crer que sua identidade poderia mudar.

Muitos crentes fazem a mesma coisa sem perceber. Continuam vestindo vestes que Cristo já os convidou a remover. Ainda se apresentam pelos antigos fracassos. Ainda se definem pelas antigas feridas. Continuam dizendo: “É apenas quem eu sou,” quando o céu está dizendo: “Isso é quem você costumava ser.”

Receber a misericórdia de Deus exige humildade, porque nos força a parar de confiar em nosso próprio julgamento sobre nós mesmos e começar a confiar no dele. Significa crer que o veredicto de Deus é maior que nossos sentimentos. Significa aceitar que, se o Senhor já nos perdoou, não temos mais o

direito de continuar nos condenando.

Isso não significa que ignoramos a responsabilidade por nossas ações. O arrependimento continua sendo essencial. Pedidos de desculpas ainda devem ser oferecidos quando necessário. Relacionamentos quebrados devem ser buscados com humildade sempre que possível. Mas depois que o arrependimento foi feito e o perdão foi recebido, precisamos nos recusar a continuar vivendo sob uma sentença que Cristo já removeu.

Talvez seja por isso que Bartimeu seguiu Jesus imediatamente depois de receber sua visão. Ele não voltou à beira do caminho para reviver seu passado. Ele caminhou rumo ao seu futuro. A misericórdia não apenas abriu seus olhos; deu-lhe uma vida completamente nova.

Esse mesmo convite é estendido a todo crente hoje. O Senhor está nos chamando a parar de nos apresentarmos pelos nossos fracassos e começar a crer no que Ele diz sobre nós. Não somos a soma de nossas piores decisões. Não somos definidos por nossos arrependimentos mais profundos. Não somos permanentemente identificados pelas temporadas que sobrevivemos.

***Somos filhos e filhas de Deus, redimidos pelo seu sangue,
sustentados pela sua graça e renovados a cada manhã pela sua
misericórdia.***

Quando finalmente recebemos essa verdade para nós mesmos, descobrimos que a mesma misericórdia que temos estendido aos outros é exatamente a misericórdia de que nossos próprios corações sempre precisaram.

CONCLUSÃO

TORNANDO-NOS UMA IGREJA CONHECIDA PELA MISERICÓRDIA

Ao longo da série Cloaked, acompanhamos Bartimeu se mover da beira do caminho até a presença de Jesus. Estudamos seu clamor, sua fé, sua persistência, seu discernimento e, finalmente, sua misericórdia. No entanto, talvez o maior milagre não tenha sido simplesmente que ele recebeu sua visão, mas que Jesus restaurou o homem que havia estado escondido debaixo do manto o tempo todo.

Esse é o coração do Evangelho. Jesus não veio apenas para melhorar a vida das pessoas; Ele veio para restaurar sua identidade. O pecado havia coberto a humanidade com vestes de vergonha, culpa, medo e condenação. Desde o Jardim do Éden, a humanidade tem se escondido atrás de mantos. Adão se escondeu atrás de árvores. Moisés se escondeu atrás de desculpas. Gideão se escondeu atrás do medo. Pedro se escondeu atrás do fracasso. Tomé se escondeu atrás da dúvida. Bartimeu se escondeu debaixo de uma veste que anunciava sua cegueira. No entanto, toda vez que Jesus encontrava alguém escondido debaixo de um manto, Ele falava com a pessoa, e não com o rótulo.

O mesmo é verdade hoje. Toda igreja está cheia de pessoas vestindo mantos invisíveis. Alguns vestem o manto da decepção, porque a vida não se desenrolou como esperavam. Outros vestem o manto do arrependimento, carregando erros que gostariam de poder apagar. Alguns vestem silenciosamente o manto da ansiedade, sorrindo por fora enquanto lutam contra o medo por dentro. Outros carregam rejeição, solidão, vício, luto, amargura ou vergonha. As vestes podem ser diferentes, mas a necessidade é sempre a mesma. Toda pessoa anseia por alguém que enxergue além do manto e reconheça o valor que Deus colocou dentro dela.

É por isso que a Igreja precisa se tornar mais do que um lugar onde a verdade é pregada. Precisa se tornar um lugar onde a misericórdia é vivenciada. As pessoas deveriam sair de nossos cultos sabendo que a santidade ainda é o padrão de Deus, mas também sabendo que a graça ainda está disponível. Deveriam ouvir a verdade sem se sentir rejeitadas. Deveriam sentir convicção sem se afogar em condenação. Deveriam descobrir que o mesmo Salvador que expõe o que está quebrado também possui o poder de curá-lo.

O Pastor Tisdale nos lembra que a misericórdia é recíproca. Jesus disse:

“Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.”

MATEUS 5:7 (NVI)

Essa promessa alcança muito mais do que uma recompensa futura. Ela revela um princípio espiritual que afeta todo relacionamento que temos. A medida de misericórdia que estendemos aos outros ajuda a moldar o ambiente em que nós mesmos um dia viveremos. Todo crente eventualmente precisará de graça. Toda família passará por momentos de fraqueza. Todo membro da igreja terá temporadas de luta. Todo líder descobrirá áreas em que ainda depende desesperadamente da misericórdia de Deus. Se desejamos receber misericórdia quando nossos próprios momentos difíceis chegarem, precisamos nos tornar pessoas que a estendem livremente hoje.

A misericórdia, porém, nunca deve ser confundida com condescendência. A misericórdia bíblica não ignora o pecado, não desculpa o abuso, nem abandona a santidade. A misericórdia nunca pede que a escuridão permaneça escondida. Em vez disso, ela cria um ambiente onde a verdade pode cumprir seu propósito sem destruir a pessoa. A misericórdia protege a dignidade, enquanto a verdade produz transformação. Juntas, elas realizam o que nenhuma das duas conseguiria alcançar sozinha.

É exatamente assim que Jesus ministrava. Ele nunca abaixou o padrão de Deus, mas sempre erguia as pessoas quebrantadas. Ele nunca celebrou o pecado, mas consistentemente ofereceu esperança aos pecadores. Sua vida demonstrou que santidade e compaixão não são inimigas. Em Cristo, elas estão perfeitamente unidas.

Talvez a parte mais desafiadora desta lição não seja aprender a mostrar misericórdia aos outros, mas aprender a receber a misericórdia de Deus para si mesmo. Muitos crentes continuam se apresentando por nomes que o céu já não usa. Ainda se veem através de fracassos que Cristo já perdoou. Continuam vestindo vestes que Jesus já os convidou a remover. No entanto, a voz do Pastor ainda nos chama para frente, assim como Ele chamou Bartimeu.

***A multidão pode se lembrar do seu passado.
O inimigo pode repetir seus fracassos.
Sua própria mente pode te lembrar dos seus piores momentos.
Mas Jesus continua te chamando pelo seu nome.***

Quando Bartimeu ouviu a voz do Senhor, ele não negociou com seu passado. Não parou para recolher o manto que o havia definido por anos. Ele simplesmente o deixou para trás e seguiu Jesus. Esse é o convite estendido a todo discípulo. Chega um momento em que precisamos decidir qual voz nos definirá. Continuaremos acreditando nos rótulos de ontem, ou abraçaremos a identidade que Cristo declara sobre nossas vidas hoje?

Que possamos nos tornar crentes que veem as pessoas como Jesus as vê. Que possamos nos tornar líderes que restauram em vez de apenas corrigir. Que possamos nos tornar famílias onde graça e verdade vivem juntas. E que nossas igrejas se tornem lugares onde aqueles que chegam vestindo mantos de vergonha saiam vestidos com a justiça de Cristo.

Pois no Reino de Deus, a misericórdia não tem a palavra final porque as pessoas a merecem. A misericórdia tem a palavra final porque Jesus a tem. E onde quer que sua misericórdia seja recebida, mantos são deixados de lado, identidades são restauradas, e vidas são transformadas para sempre.

CLOAKED

REFLITA

PERGUNTAS DE REFLEXÃO

 REFLITA

Que “manto” você tem vestido que se tornou parte da sua identidade? Existe algum rótulo do seu passado, como fracasso, medo, vergonha, rejeição ou arrependimento, que você tem permitido que te defina mais do que a Palavra de Deus? Como seria deixar esse manto de lado e abraçar sua identidade em Cristo?

 REFLITA

Como você normalmente responde quando vê a fraqueza ou o fracasso de outra pessoa? Você tende a julgar rapidamente, evitá-la, falar sobre ela, ou buscar em oração sua restauração? Que mudanças práticas você pode fazer nesta semana para refletir a misericórdia de Jesus?

 REFLITA

O Pastor Tisdale nos lembrou que a misericórdia faz perguntas melhores. Pense em alguém que tem sido difícil de amar. Em vez de perguntar “O que há de errado com essa pessoa?”, que perguntas diferentes você poderia fazer que te ajudassem a vê-la pelos olhos de Cristo?

 REFLITA

Você já aceitou a misericórdia de Deus para a sua própria vida? Há erros do passado que você continua revivendo, mesmo que Deus já os tenha perdoado? Como Romanos 8:1 desafia a forma como você se enxerga?

 REFLITA

Quem tem sido um instrumento da misericórdia de Deus na sua vida? Reflita sobre alguém que escolheu restaurar, encorajar ou acreditar em você durante uma temporada difícil. Como a misericórdia dessa pessoa impactou sua caminhada com Deus, e como você pode se tornar esse tipo de pessoa para outra pessoa?

 REFLITA

Gálatas 6:1 ensina que as pessoas espirituais restauram os outros “no espírito de mansidão.” Por que você acha que a humildade é essencial para a restauração? Como lembrar da sua própria necessidade da graça de Deus muda a forma como você ministra aos outros?

 REFLITA

Se a Tampa Life Church se tornasse conhecida por apenas uma coisa depois desta lição, o que você esperaria que fosse? O que você pessoalmente pode fazer para ajudar a criar uma cultura de igreja onde a verdade é fielmente pregada, a misericórdia é livremente estendida, e pessoas quebrantadas encontrem esperança, cura e restauração por meio de Jesus Cristo?
